

Gení: trajetória como mestre de boi bumbá no município de Moju

Gení: historia como maestro de boi bumbá en el municipio de Moju

Jomara da Conceição Lopes

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Belém/PA- Brasil

Zilene dos Reis Maciel

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Belém/PA- Brasil

Priscila Deomara Assunção Magalhães

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Belém/PA- Brasil

Resumo

Fruto de pesquisa interdisciplinar, apresentada ao curso de licenciatura em Língua Portuguesa, o artigo descreve a trajetória do senhor Germano Santos- Mestre Gení, mestre de cultura de raiz popular, que coordena o grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso, na cidade de Moju/Pa, marco da tradição local. Para tanto, tomamos por base, as perspectivas teóricas de Loureiro (2015), Cavalcanti (2000, 2006), Câmara Cascudo (2006) entre outros. Os aportes metodológicos utilizados foram da pesquisa bibliográfica, atrelada a de campo, de cunho analítico descritiva. A pesquisa foi viabilizada por meio de entrevista semiestruturada e observação participativa. Os resultados apontam para o fato de que o Boi Bumbá, criado a partir de uma brincadeira de rua, difundida por meio de uma lenda, tornou-se uma expressão da cultura local reavivando laços da memória e da histórica do município de Moju. Porém, essa tradição vem perdendo forças por conta da grande dificuldade financeira pela qual o grupo vem passando

Palavras-chaves: Memória; Boi Bumbá; Mestre Gení; Cultura popular.

RESUMEN

Fruto de una investigación interdisciplinaria, presentada a la Licenciatura en Lengua Portuguesa, el artículo describe la trayectoria del Sr. Germano Santos-Mestre Gení, maestro de cultura popular, quien coordina el grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso, en la ciudad de Moju / Pa, hito de la tradición local. Para ello, tomamos como base, las perspectivas teóricas de Loureiro (2015), Cavalcanti (2000, 2006), Câmara Cascudo (2006) entre otros. Los aportes metodológicos utilizados fueron de la investigación bibliográfica, vinculada a la investigación de campo, de carácter analítico-descriptivo. La investigación fue posible a través de entrevistas semiestructuradas y observación participativa. Los resultados apuntan a que el Boi Bumbá, creado a partir de un juego callejero, difundido a través de una leyenda, se convirtió en expresión de la cultura local, reviviendo lazos de memoria e historia en el municipio de Moju. Sin embargo, esta tradición ha ido perdiendo fuerza debido a la gran dificultad económica que ha atravesado el grupo.

Palabras llave: Memoria; Boi Bumbá; Maestro Gení; Cultura popular.

Introdução

Fruto de pesquisa interdisciplinar, apresentada durante o curso de licenciatura em Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Pará - UEPA, por discentes do sexto semestre, o artigo aborda a trajetória cultural do Mestre Germano Costa Santos, carinhosamente, conhecido por Gení, pelos moradores da cidade de Moju - PA. De estatura mediana sempre acolhedor, seu Gení ou mestre Gení, nunca nega, a quem o procura, os saberes locais sobre o Boi- Bumbá Caprichoso.

As memórias do mestre, algumas repassadas por meio da música, relatam façanhas e brincadeiras de um caboclo que vive um dilema: sacrificar o presente de qual cuida – o boi –, em favor de sua esposa grávida, ou manter a promessa ao seu senhor, de cuidar do animal que será presente de casamento à filha do fazendeiro.

Assim, esta investigação busca refacção da memória do mestre de cultura da cidade de Moju - PA, o qual se encontra com 79 anos e, que de outra forma, estaria se perdendo em meio ao abandono da cultura local.

Dessa maneira, a literatura oral e as práticas folclóricas praticadas por Mestre Gení estão condicionadas a modos de resistir. A tradição de raiz popular em suas manifestações culturais encontra na oralidade formas de recriação. Os gêneros épico, lírico e dramático, assim, mesclam-se na arte que o povo faz nas ruas e quintais, praças e mercados, e junto uma somatória de outros fatores, fruto da criatividade das gentes se originam inúmeras expressões artísticas.

Assim, compreende-se neste estudo a cultura como algo vivo, que se “cultiva”, hábitos, costumes, crenças e valores sociais e vivências de determinada sociedade, parafraseando Santos (1987). Inclui-se aí, as práticas folclóricas, como o boi bumbá. No caso deste artigo, descrever a trajetória do mestre Geni, responsável pelo Boi Bumbá Caprichoso.

Para tanto, os objetivos específicos que determinam as ações desta pesquisa, pretendem catalogar narrativas do mestre de cultura sobre a historicidade do boi bumbá; selecioná-las, algumas contidas em músicas de autoria do mestre; e descrever tais narrativas inerentes a brincadeira do boi, destacando a história e a memória do mestre. A metodologia que norteia a investigação é a pesquisa bibliográfica, atrelada a de campo, de cunho analítico descritiva, realizada pelo viés da pesquisa qualitativa, cujas ferramentas foram a entrevista semiestruturada e a observação participativa.

Cultura: Boi de dois nomes, dois elos, um mesmo olhar

Boi, boi, boi, o Moju de agora é diferente do que foi,
Boi do Sarapó, tu ficaste na memória de alguém que te deixou
Que chorando foi embora com saudade desamor
Se tu vinhas encantava tua companheira lua
Lá de cima se orgulhava a cidadezinha era tua
(Vetinho Martins¹⁰)

Cultura, de um modo geral, seria “o conjunto de conhecimento, costumes e tradições de um povo, em determinada época” (DICIONÁRIO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2011, p. 239). Para Aldo Vannucchi (2006), cultura decorre de determinada forma de entender o ser humano, isto é, “só podemos conceituar cultura como autorrealização da pessoa humana no seu mundo, numa interação dialética entre os dois, sempre em dimensão social” (*Ibidem*, p.21).

Assim, a concepção de cultura, atrela-se a da construção histórica das sociedades, produto da coletividade humana. Por este motivo, há uma pluralidade de definições para o termo. De tal modo que, para entendê-lo, recorremos a Loureiro (2015, p.77) ao estabelecer cultura como: “conjunto formado pelas expressões intelectual, artística e moral concernentes a uma determinada civilização e mesmo a um povo, construído no processo de sua história como um todo ou num determinado período”.

Pelas definições discorridas até aqui, inferimos que traçar um conceito universal para o vocábulo é algo difícil, motivo pelo qual Bosi (1992), diz não termos cultura, mas culturas brasileiras. Acepção de subjacências, perpassando aí a noção de tudo o que é produzido pelo homem. Em nível literário, informa Vannucchi (2006), convencionou-se dividir a cultura em dois extremos: o erudito e o popular. O primeiro faria referência as obras canônicas, os clássicos, já o segundo, diria respeito a produção de uma classe específica e seu modo de viver. Ressalta-se que este conceito há tempo já foi revisto à luz dos estudos que se voltam para este campo, assim, o que foi estipulado como distinção – erudito e popular –, na realidade são formas de fazer que se inter cruzam, retroalimentam e se mesclam ao longo da história da humanidade, o que não possibilita dicotomias que tem como base preconceitos e desconhecimento.

Daí o título deste tópico, elucidar dois termos, elos presentes na cultura – expressões de raiz popular e o vocábulo folclórico, que embora apresentem distinção quanto a seu entendimento, não o tem quanto ao valor, isto é, ambos possuem igual relevância frente as

¹⁰ Herivelto Martins e Silva - Mestre em Comunicação, linguagem e cultura pela Universidade da Amazônia - UNAMA. É pesquisador de carnaval e cultura popular, músico, compositor, escritor e professor.

realizações culturais de um povo. Desse modo, por cultura de raiz popular, se entende as mais diversas manifestações artísticas, míticas, do canto, da dança, anedota, conto, folguedos, tradições religiosas, dentre outras práticas. Implicadas às manifestações da cultura popular encontram-se as produções ditas folclóricas, como é o caso do Boi Bumbá Caprichoso de Moju - PA.

No entanto, adverte Cascudo (2006), nem tudo que é de raiz popular, é folclórico. Para haver cisão entre popular e folclórico, ou mesmo, para que a produção popular seja considerada folclórica, ela deve conter elementos característicos, como: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade, pois o “folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Deve ser sempre o popular, a mais uma sobrevivência” (CASCUDO, 2006, p.23). Esses são atributos presentes no Boi Bumbá Caprichoso, preservado por Mestre Gení, brincadeira a animar o mês de junho, às festas desse período, mas que também, abrilhanta ocasiões específicas e/ou festividades do município, como a Feira Agro Cultural de Moju, o Arraial da Casa dos Idosos, Festividades católicas, ou mesmo eventos escolares diversos.

Uma das toadas cantadas por mestre Gení, presente na memória do povo de Moju, diz o seguinte: *Vou cantar pro boi bumbá, um bailão e um carimbó, vou no clarão da lua e volto no raiá do só*. Esse canto é marca do Boi Caprichoso, prova disto, é que o povo acompanha cantando todas as vezes que a música é entoada pelos brincantes do boi. Este não é o primeiro boi bumbá criado na cidade de Moju. O primeiro boi foi o do mestre conhecido como Vitor Mineiro, posteriormente, foi criado o boi do Sarapó, mas por motivo de falecimento de seu dirigente, Mestre Sarapó, este boi deixou de existir. Assim, o Boi Caprichoso é o único que ainda resiste às intempéries da cultura local, à falta de incentivo financeiro por parte do governo municipal, dentre outras dificuldades relatadas por mestre Gení.

As tradições culturais mojuenses, preservadas por Mestre Gení, se imiscuem ao crepitar do fogão de lenha, junto ao cozer da pamonha, ao aroma da pupunha no tacho, ou mesmo do mingau de croeira¹¹ misturado ao vinho da abacaba¹² ou do açaí. Assim, a brincadeira do boi faz parte do que interessa à vida: o trabalho, a família, a luta cotidiana de sobrevivência, o descanso, a festa, a felicidade de viver, ou como define Vannucchi (2006, p.97), “técnicas domésticas de trabalho, práticas de cura, habilidades artesanais, literatura oral, folguedos tradicionais, crenças, música e muitas outras vivências.”

¹¹ Restos mais finos das fibras da mandioca

¹² Abacaba ou bacaba é uma [palmeira](#) nativa da [Amazônia](#), a polpa de seu fruto é utilizada no preparo do "vinho de bacaba".

Assim, o jeito simples e bonito da gente do interior da Amazônia é traduzido nos personagens da cultura local, no feito do vaqueiro (caboclo) Pai Francisco, quando lhe foi destinado o cuidar do boi. E a mãe Catirina, grávida, é acometida por um desejo: o de comer a língua do boi. Este, por sua vez, tinha sido destinado como presente de casamento da filha do fazendeiro. Dilemas e histórias a expressar a cotidianidade dos moradores das fazendas, em áreas adjacentes à cidade de Moju.

A tradição mojuense chama o boi do Mestre Gení de Caprichoso, aqui cabe um adendo, este é seu último nome, registrado em ata e oficializado, após o grupo liderado por mestre Gení “dono do boi” ter se tornado uma associação. Anteriormente a cada ano o boi mudava de nome: Boi Sete Estrelas, Boi do Campo, Boi Estrela Dalva. Na tradição do boi bumbá há uma “regra”, de que o mestre deve nomear o boi que preside, ainda que este não seja a verdadeira identificação do boi narrado na história (folgado).

Assim, a produção simbólica do povo e para o povo segue sua tradição, saberes e poéticas são tecidos em meio às vivências coletivas. No entanto, infelizmente, muitas manifestações nascidas da cultura de raiz popular, ainda tem seu valor minorizado, reconhecê-las é atentar-se para sua globalidade e entender seus vieses de criação e produção.

O rio das cobras: Moju

Subindo o rio eu vou gingando, eu vou gingando
Meu batelão de toldo azul, vou visitar a minha terra
Abraçar a minha gente, dedicar meu canto
Será que ainda tem sumaumeira na beira do rio Moju?
Será que aquela gente hospitaleira ainda sabe apreciar um bom luar ao céu azul?
Será que ainda tem sumaumeira na beira do rio Moju?
Se tem tucunaré no rio Ubá, taperebá no Papuá e festa no Jambuaçu?
(Vetinho Martins)

Moju é o rio que banha a frente da cidade e, esta recebe o mesmo nome do rio. O nome indígena alude ainda, o sentido de “rios das cobras”, caminhos, esconderijos de cobras, alusão as águas turvas e escuras que banham a cidade e, que para o povo seriam as águas preferidas das serpentes. O certo é que Moju possui um rio caudaloso, navegável por pequenas, médias e grandes embarcações. Possui muitos afluentes como: o rio Cairari, rio Jambuaçu, rio Ubá, além de cachoeiras, diversos furos e igarapés banháveis, que servem de cenários ao imaginário de sua gente, fornecendo condições infáveis, à produção intelectual local.

Dentre as diversas manifestações religiosas do local, se destacam a festividade do Divino Espírito Santo, padroeiro da cidade - com procissão realizada no segundo domingo de pentecoste, entre os meses de maio e junho - procissão de Corpus Christi, festividade de

Nossa Senhora de Nazaré – festividade de mais de cem anos, de tradição em Moju, entre outras.

Das tradições populares, destacam-se: o Grupo Folclórico Mexilhão do Icatu – primeiro grupo folclórico, criado em 1987, na cidade, com música de autoria própria; o grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso, sob organização do Mestre Gení, que alegra a quadra junina e outras épocas festivas, com suas danças e canções de autoria própria. Há ainda o grupo de carimbó Flor do Rio Ubá, de criação recente na cidade. Cabe informar também que, nas águas escuras do rio Moju há lendas a tecer o imaginário local, como o encanto do boto, a lenda da Matinta Perera, do caipora, da iara ou mãe d'água. São encantarias a utilizar a poesia local, para perpetuar o imaginário amazônico, como bem define Loureiro (2000).

Segundo Válber Salles (2015), as terras mojuenses são habitadas desde meados do século XVII. Os primeiros habitantes vieram para trabalhar na exploração dos seringais e nas drogas do sertão. Em julho de 1754, quando o Bispo Dom Frei Miguel de Bulhões visitou essas terras e, se alojou no sítio do então, dono de escravos, o senhor Antônio Dornelles de Souza, este doou parte de suas terras para formação da sede do município.

E, deste modo, Válber Salles (2015) assinala que, em 1754, aquele povoado tornou-se freguesia com a invocação do Orago, sendo chamado de Irmandade do Divino Espírito Santo. No entanto, a primeira criação de freguesia caiu em declínio, desaparecendo, retornando ao *status* de povoado, devido ao esquecimento por parte do poder público e das organizações religiosas. Em 1839, oitenta e cinco anos depois da criação da primeira freguesia, Moju voltou à categoria de freguesia, com a Lei nº. 14, de 9 de setembro, leis do Império do Brasil.

Válber Salles (2015), explica ainda que, em 28 de agosto de 1856, a freguesia da Irmandade do Divino Espírito Santo é elevada à Vila, recebendo a denominação de Moju, pela Lei Provincial nº 279, de 28/08/1856, ano em que o município de Moju é criado. Como em 1856 não ocorreu a instalação de sua sede, em 20 de agosto de 1864, a Assembleia Legislativa Provincial, por meio da Lei nº. 441, aprovou que o município retornasse à categoria de freguesia, incorporado ao município de Belém. Seis anos mais tarde, em 6 de outubro de 1870, uma nova Lei da Assembleia Provincial, elevou Moju à categoria de Vila com a mesma denominação. E em 5 de agosto de 1871, ocorreu sua instalação municipal. Outra data importante, após a criação de Moju, foi o ano de 1955. Neste ano, o município vivenciou a tentativa de desmembramento de seu território, para a fundação do município de São Manoel de Jambuaçu, hoje, comunidade quilombola, sendo este ato considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal. Em 1991, o município teve parte de seu território desmembrado para a fundação dos municípios de Goianésia do Pará e Breu

Branco. E, atualmente o município conta com três distritos: Moju (sede), Cairari (Alto Moju) e Distrito Nova Vida (Socôco).

Elementos do Boi bumbá: lá vem Caprichoso!

Quem quer pescar ituí no rio e no alto Moju
Não tem que fazer cacuri, não tem que ter isca no anzol, não tem que pegar aviú
Pergunte ao caboco Mitó
Na frente da Soledade, saudade veio me buscar
Mexeu com a minha vontade, eu nem queria cantar
Mas pra falar a verdade, a brisa veio me ninar
Meu coração Soledade, parece querer sufocar
(Vetinho Martins)

O Boi Bumbá ou Bumba-meu-boi é uma das manifestações populares mais antigas do folclore brasileiro. De acordo com Cavalcanti (2006), ela é exibida por meio de uma encenação teatral, onde um grupo de brincantes dança/encena uma trama, a partir da morte e ressurreição de um boi. Este folguedo é registrado em várias partes do país, mas, com maior intensidade no Norte e Nordeste brasileiros. Ainda conforme elucida Cavalcanti (2006, p. 62), o termo folguedo “foi muito utilizado pelo Movimento Folclórico Brasileiro, com amplos estudos e atuação que, entre os anos 1949-1964, estendeu-se por todo território nacional”.

Desse modo, a brincadeira do boi, apesar de ser registrada, com maior afinco, na segunda metade do século XIX, tem seu primeiro registro datado de 1840, na cidade de Recife, em um artigo intitulado “*A estultice do Bumba- meu- boi*, do frei Miguel do Sacramento Lopes Gama”, o frei indignou-se ao observar a personagem sacerdotal no folguedo (CAVALCANTI, 2006). O segundo registro é de 1859 e vem de Manaus; o médico-viajante Avé-Lallémant descreveu uma festa católica em honra a São Pedro e São Paulo onde o folguedo do boi é encenado. O pesquisador paraense Vicente Salles (1970) relata registros do Bumbá, em jornais de Belém e Óbidos, datados de 1850. A referência ao folguedo no mesmo ano, em cidades bastantes distantes uma das outras, sugere sua ampla difusão na Amazônia em meados do século XIX.

A brincadeira do boi apresenta variações em seu nome, encenação e apresentação de acordo com cada grupo, como também de acordo com a região do país.

Boi Bumbá, no Amazonas e no Pará; Bumba- meu-boi, no Maranhão; Boi Calemba, no Rio Grande do Norte; Cavalo-Marinho, na Paraíba; Bumba de reis ou Rei de bois, no Espírito Santo; Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro; Boi de Mamão, em Santa Catarina (CAVALCATI, 2000, p. 1022).

Na região Norte do país, os grupos folclóricos apresentam-se no mês junino; no Nordeste, nos períodos junino e natalino; no Sudeste, durante o Carnaval, e conforme explicita Cavalcanti (2000) o folguedo ocorre nos três ciclos mais importantes e festivos do país.

A lenda de origem do Boi Caprichoso de Moju e seus personagens, retratam a trama de Pai Francisco e Mãe Catirina, um casal de negros, trabalhadores de uma fazenda. Eles são encarregados de cuidar de um boi muito precioso, pois este seria presente de casamento da filha do fazendeiro. Mãe Catirina está grávida, e deseja algo diferente para comer: língua de boi, mas não é de qualquer boi, mas sim, do boi que está sendo cuidado por seu marido. E para satisfazer o desejo de sua mulher, Pai Francisco mata o boi. Ao notar a falta de seu boi, o fazendeiro manda um de seus empregados para investigar o ocorrido. Este, encontra o boi quase morto, contudo, em algumas versões o boi já estava morto. Pai Francisco foge e o fazendeiro pede a ajuda aos índios para capturá-lo. Ao ser encontrado Pai Francisco assume a culpa. Ameaçado de punição e desesperado, pede ajuda para ressuscitar o boi, os personagens que virão a seu auxílio são: o médico, o padre e o pajé.

Em sua linguagem, aparentemente, simples, o folguedo apresenta as faces identitárias e formadoras do povo brasileiro: o branco, na figura do fazendeiro, o negro a partir do personagem Pai Francisco, e o índio, a quem o fazendeiro recorre. O ponto alto é a morte e ressurreição do boi, o lado mítico da brincadeira, a performance do ritual em que o boi ganha vida novamente pelas mãos do pajé.

O folguedo do boi como descreve Cavalcanti (2006, p. 70): “é e será sempre capaz de suscitar inúmeras e diferentes narrativas”, ou seja, ligado ao calendário cristão, a ressurreição do boi corresponde ao nascimento simbólico e a afirmação da vida diante da morte, e apesar do folguedo sofrer variações, dependendo do lugar onde esteja sendo narrado, o ressuscitar do animal é motivo de festa por todos os envolvidos na trama. A brincadeira de rua ativa e recria memórias, contribuindo para a passagem e perpetuação da tradição de cantar e dançar com o boi junto à comunidade ali presente.

Mestre Geni: um homem e sua arte

Neste tópico, antes de discorrer sobre a figura do mestre de cultura de raiz popular que inspira estas linhas, se faz necessário apresentar o percurso metodológico adotado na pesquisa, embasamento teórico que, justamente, possibilitou à luz da ciência estudar o fenômeno social aqui debatido e concernente à cultura que constitui homens e mulheres no interior da Amazônia.

Assim, presente pesquisa buscou suporte metodológico na pesquisa qualitativa segundo Minayo (2001, p.22), ao trabalhar com “o universo de significados, motivos,

aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Tendo com técnica de pesquisa a entrevista semiestrutura, com perguntas abertas e fechadas, optou-se por esta técnica, pois a mesma “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Além disso, durante a entrevista o pesquisador pode se manter consciente e atuante durante a coleta de dados e o entrevistado pode discorrer sobre suas experiências a partir do foco principal proposto pelo pesquisador, ao mesmo tempo que valoriza a espontaneidade do entrevistado. Desse modo, as questões formuladas para a entrevista semiestruturada levam em consideração embasamento teórico e informações obtidas sobre o fenômeno social pesquisado (TRIVIÑOS, 1987).

Utilizou-se ainda como ferramenta de coleta de dados a observação participativa ao compreender que esta técnica de coleta de dados configura-se como:

Uma fórmula entre o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos [...] Entendida de modo literal, a observação-participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação (CLIFFORD; GONÇALVES, 1998, p. 33-34).

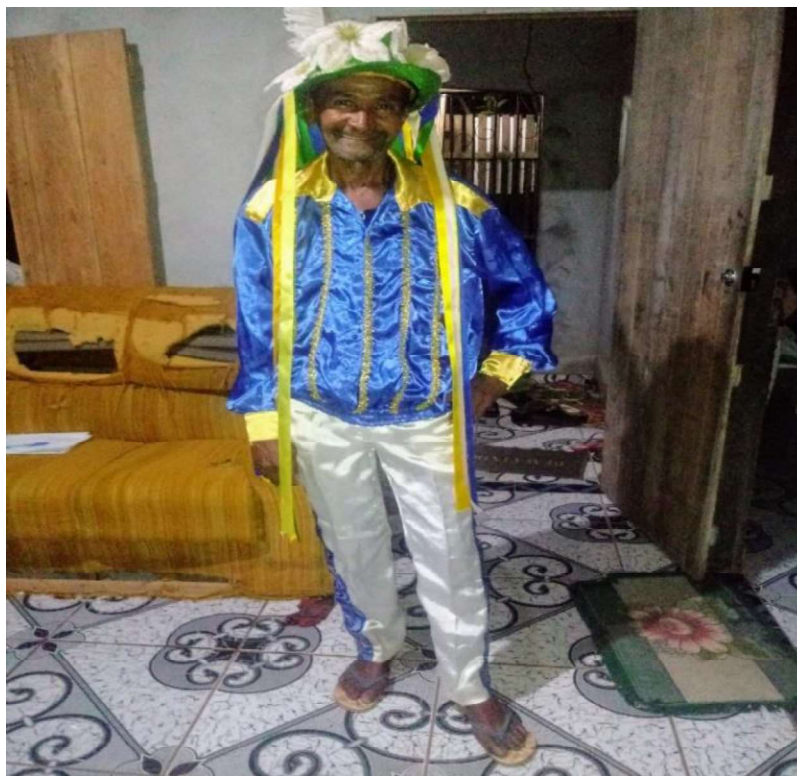
O *lôcus* da pesquisa foi a cidade de Moju, município brasileiro do estado do Pará, pertencente a Microrregião de Tomé-Açu, com uma população estimada em 82.094 habitantes. O município é cortado pela PA-150 que, juntamente com diversos rios, lhe concede acesso a outras cidades e regiões do estado.

O sujeito desta pesquisa Mestre Gení nos relatou suas memórias acerca do Boi Caprichoso, narrativas que surgem como canções, relatos e imagens. Nascido Germano Costa Santos, o mestre tem 79 anos, nasceu na zona rural de Moju, mudando-se para cidade ainda criança. Hoje, mora num bairro periférico da cidade, denominado bairro Alto. Coordenador do grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso Mestre Gení é cantor, compositor e portador de memórias culturais mojuenses. Sua trajetória é marcada por lutas e resistências para manter a tradição da brincadeira de rua. E apesar das adversidades enfrentadas, não desiste de seu cargo como mestre de boi bumbá, tão pouco de incentivar os jovens a participar do teatro de rua, que é o Boi Bumbá Caprichoso.

Uma característica marcante do grupo folclórico coordenado por mestre Gení é o acervo de canções que o grupo possui, composições estas criadas e cantadas pelo próprio mestre. Contudo, estas músicas estão prestes a se perder, pois elas não possuem registros

escritos ou de mídia (áudio-vídeo), estando apenas na memória de seu criador e de alguns componentes e amigos que lhe acompanham no boi. Quanto ao registro fotográfico, o grupo possui algumas fotos preservadas pelo mestre e por alguns brincantes do boi, abaixo uma dessas fotografias.

Imagem 01: Mestre Gení, em sua residência arrumado para “puxar” o boi



Fonte: arquivo pessoal das autoras (2018)

A imagem acima mostra Mestre Gení arrumado para “puxar” o Boi Caprichoso e assim iniciar sua apresentação. Como já dito, anteriormente, Germano Costa Santos, nasceu no interior da cidade de Moju, no dia 05 de fevereiro de 1942, na localidade Rio Ubá. E ainda que tenha frequentado pouco a escola, sabendo apenas assinar seu nome, Mestre Gení é homem sábio, além dos dotes artísticos, também é conhecedor de segredos das plantas medicinais, um grande contador de histórias, conhecedor de encantos que circulam entre a mata e o rio, saberes de onde retira a poesia para suas composições. Filho de dona Vicência Costa Santos e de Teófilo Ferreira dos Santos. Seu pai filho ilustre deste município, era o administrador da vila, que hoje é conhecida como cidade de Moju. Ele herdou a arte do bem falar, com a qual canta e encanta a todos na tradição do boi bumbá.

A família o trouxe para a cidade, quando Gení tinha apenas dois meses de nascido. Com 12 anos, dedicou-se a aprender “a profissão” de laminador. Idade em que participou do grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso, como brincante/dançarino, mesmo não havendo histórico de artistas em sua família. Após alguns anos, Mestre Gení assume o comando do

Boi Caprichoso, à frente do grupo começa músicas para o embale do grupo, entre suas primeiras composições está a descrita abaixo:

*Vou cantá pro boi Bumbá, um bailão e um carimbó
Vou num clarão da lua, venho no raiá do só (sol)
Vou cantá pro boi Bumbá, um baião e um carimbó
Vou num clarão da lua, venho no raiá do só (sol)
Dança, dança Caprichoso, neste mês de São João
Homenagem Luiz Gonzaga, que foi o rei do baião*

Os relatos de Mestre Gení informam que o Boi Caprichoso foi muito convidado para participar das rodas juninas, apresentando-se em diversos lugares e com grande público na cidade e arredores de Moju. Em entrevista, o mestre nos conta: *tinha muita garotada que participava e animava o grupo*. Apesar do grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso já ter muitos anos de formação, não possui barracão, sede, ou lugar para guardar as fantasias, apetrechos, instrumentos musicais utilizados pelos brincantes. Desta forma, para que os acessórios e instrumentos não se percam, Mestre Geni os guarda em sua casa, como é possível observar na imagem a seguir:

Imagem 02: Boi Caprichoso e Mestre Gení



Fonte: arquivo pessoal das autoras (2018)

A alegria em manter a tradição, de construir histórias e a perspectiva de mudança de vida, por meio da arte do teatro de rua, não deixa que Mestre Gení abandone a brincadeira do boi. E diante das dificuldades junta forças e toma para si a responsabilidade de, por meio,

da cultura, incentivar a participação de jovens no folguedo do boi e assim, evitar que esses se envolvam e atos ilícitos ou mesmo no uso de drogas. Pelas palavras do Mestre, *muitos jovens estavam se perdendo*, entre vícios e criminalidade, ao participarem do Boi Bumbá Garantido, vivem experiências que possibilitam trocas de afeto, conhecimento, assimilação de valores, vislumbram outras perspectivas de vida. Diante desta realidade o Mestre compõe e canta para animar seu grupo:

*Cadê o fama que brincou nesse terreiro?
Oh, cadê o fama que brincou nesse terreiro?
Olha, eu vim chegando agora vou brincá nesse terreiro
Ei fama ei fama dessa vez ele num ganha
Se pular com valentia boi mácriado tu apanha
Se amanhã se proguntare hoje quem cantou aqui?
Diga que foi o Germano que veio se adverti*

*Oh, cadê o fama que brincou nesse terreiro?
Oh, cadê o fama que brincou nesse terreiro?
Olha, eu vim chegando agora vou brincá nesse terreiro
Ei fama ei fama dessa vez ele num ganha
Se pular com valentia boi mácriado tu apanha*

*Já mandei convidá Boi cantadô lá da berada
Quem não sabe cantá Boi não cante na minha toada
(Mestre GENÍ, entrevista em 28/11/2018)*

Ressalta-se que o projeto interdisciplinar que originou este artigo, surgiu depois que se ouviu a canção acima, cantada por Mestre Geni para a turma de Letras 2018, na UEPA, *Campus Moju*. Ele informou que, a letra da composição traz a chamada do Boi Caprichoso como metáfora, o que na verdade ele quer é chamar os jovens, revelando o valor da cultura local, enquanto formador da identidade mojuense. Ao ouvir o relato do mestre, este soou como provocação para reflexão que aqui se faz, tendo em vista a atitude de um homem ao defender sua tradição e, ao mesmo tempo estar atento às necessidades dos nossos tempos, as carências e problemáticas sociais que impulsionam sua atitude como fazedor de cultura e agente de transformação social.

Sendo assim, seguindo sua brincadeira, Mestre Geni e o afamado caprichoso tem nos terreiros, palco de alegrias e embates entre os bois, e dessa maneira, reavivam a identidade de seus brincantes e moradores a cada apresentação. Todo encontro é uma festa, aprende-se enquanto se canta, dança, ri – a tradição é viva.

Desse modo, a imagem abaixo, relembra o momento de uma das apresentações do mestre, em que o mesmo pode trazer a academia um pouco daquilo que faz pelas ruas e quintais dos mojuenses:

Imagem 03: Encontros dos Artistas na UEPA – Moju/PA



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2018)

Segundo Mestre Gení, o Boi Caprichoso sempre foi muito convidado para participar das rodas culturais, para abrilhantar as festas com suas músicas e dança. Os convites continuam chegando, mas em razão de seu estado de saúde e sua idade avançada, o grupo folclórico está sendo guiado por seu fiel compadre, o senhor Goró, que está assumindo e possivelmente será o seu sucessor à frente do Boi.

Embora enfrente dificuldades em seu fazer como mestre de cultura, como falta de apoio financeiro e alguns problemas de saúde, Mestre Gení não deixa de compor, e suas músicas são conhecidas em Moju e em outras cidades do Pará. Mestre Gení e seu grupo já participaram de entrevistas para jornais locais e programas televisivos, para falar do trabalho como mestre de cultura e responsável pelo grupo folclórico Boi Caprichoso. Uma de suas músicas mais famosas é em homenagem a algumas cidades do Pará:

*No tempo da lamparina brincava com boi Bumbá
Brincava aqui no Muju, Tomé- Açú e no Acará
Ei Barcarena me espera que eu vou pra lá
Brincá boi lá no Miri, Abaeté e Cametá*

*O meu boi se acordava com o cantá do sabiá
Passando em Tailândia, Tucuruí e Marabá
Vendo a beleza, alegria no coração
Travessei Rio Araguaia pra chegar na Redenção
(Mestre GENÍ, entrevista em 28/11/ 2018)*

A composição do Mestre Gení nos faz recordar que o dançar com o boi é muito antigo. A música rememora o tempo em que nestas terras se iluminavam as noites com as

chamas das lamparinas, mas nunca faltava a alegria e vontade de brincar com o boi. A foto abaixo relembra as viagens, realizadas pelo grupo Boi Bumbá Caprichoso em visitas às cidades vizinhas. As apresentações, aplausos, oportunidades e reconhecimento do trabalho artístico ali apresentado dava sempre novo fôlego aos brincantes, a vontade de não deixar de pôr o boi na rua, e assim a cada quadra junina, o Boi Caprichoso revive, faz seu tempo e corre na história.

Imagem 04: Grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso



Fonte:arquivo pessoal das pesquisadoras (2012)

Dentre as composições de Mestre Gení, a de maior destaque é a que ele escreveu para seu filho – Germano Santos Filho, que também é artista, cantor, compositor e membro de um grupo folclórico de música regional, intitulado Flor do Rio Ubá, também do município de Moju. A composição é uma homenagem do Mestre para seu filho, conforme se pode observar abaixo:

*Já brinquei o carnaval agora é o São João
Vou brincar com esse meu Boi a quadrilha e o Mexilhão¹³
Vou brincar com esse meu Boi a quadrilha e o Mexilhão
Vou entrar na capoeira e também dança de rua
Vou entrar na capoeira e também dança de rua
Essa dança é tão gostosa ela e nossa ela é sua
Essa dança é tão gostosa ela e nossa ela é sua
Caprichoso é quem dança Germano é quem nos sacode*

¹³ Grupo folclórico Mexilhão do Icatú, um dos primeiros grupos artísticos culturais de carimbó fundado em 1987 no município de Moju.

Caprichoso é quem dança Germano é quem nos sacode
A cultura do samba ele é o dono do pagode
A cultura do samba ele é o dono do pagode
(Mestre GENÍ, entrevista em 28/11/ 2018)

Diante do exposto, observa-se que o grupo Boi Bumbá Caprichoso é um dos grupos folclóricos mais atuante dentre aqueles presentes na cultura mojuense. E enfrentando as dificuldades, Mestre Gení põe seu Boi na rua, todos os anos. E dessa maneira, bem poderia cantar em suas toadas, aquilo que o teórico afere em suas teorias sobre cultura “o Boi Bumbá [...] é um novo e fascinante capítulo da longa história do folguedo no país” (CAVALCANTI, 2000, p. 1040). E assim, a música empolgante, o ritmo envolvente, a toada, a dança, a brincadeira recria a tradição, educa, diverte, deixa a vida mais leve, e constitui-se patrimônio cultural, história e memória junto a dinâmica social de um povo.

Considerações Finais

O Boi Bumbá é a materialização da polifonia cultural que constitui o povo brasileiro. Expresso em um festejo popular de grande importância para inúmeras comunidades ao longo do território nacional, uma brincadeira de rua, que se difundiu a partir de uma lenda e tornou-se um grande espetáculo nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

A encenação da morte e ressurreição de um boi precioso encantam as populações. Essa história guarda forte simbologia nas comunidades. Contudo, para que estes grupos estejam nas ruas, há um grande esforço das lideranças que trabalham muito, para animar os arraiais, em apenas um mês. Estes grupos, com anos de formação, trazem para a população local, suas músicas, sua dança, que traduzem a memória cultural que foi repassada por outros, objetivando consagrar e perpetuar na memória da comunidade a tradição de cantar e dançar com o boi.

O grupo folclórico Boi Bumbá Caprichoso é um grupo independente, e tem sua origem em um grupo familiar, reunindo os descendentes, os conhecidos, os vizinhos do bairro. Todavia, enfrenta dificuldades para continuar, contudo, o grupo Boi Bumbá Caprichoso continua atuando, pois, sua finalidade é levar alegria, valorizar a cultura e cumprir seu papel social, como representante das classes desfavorecidas da zona periférica da cidade de Moju.

Referências

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. - 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Boi Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa**. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, supl. p. 1019-1046, set. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500012&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 mar. 2020.

_____. **Tempo e Narrativas nos Folgado do Boi**. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, V. 3, N. 6, p. 61-68, jul./dez. 2006. Disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/810>. Acesso em 25 mar. 2020.

CLIFFORD, J; GONÇALVES, J. R. S. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DICIONÁRIO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Edições SM, 2011.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

RIBEIRO, Diemerson da Silva; BELO, Geovane Silva. **A cosmogonia amazônica na poética do imaginário de João de Jesus Paes Loureiro**. *Travessias*, Cascavel, v. 14, n. 1, p. 43-59, abr. 2020. ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24183>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SALLES, Válber. **Divino Espírito Santo de Moju: Rio das Cobras**. – 3 ed. Belém: Destaque, 2015.

SALLES, Vicente. Jun. 1970, **O Boi Bumbá no ciclo junino**. *Brasil açucareiro*, 38, pp. 27-33.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**. São Paulo: Loyola, 2006.

SOBRE AS AUTORAS

Priscila Deomara Assunção Magalhães - Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará – UEPA; Especialista em História Social da Amazônia – UNAMA; Graduada em História – UVA. E-mail: prisciladeomara@hotmail.com

Jomara da Conceição Lopes - Graduando em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: jomaraclopes@gmail.com Campus de Moju- Campus XIV.

Zilene dos Reis Maciel - Graduando em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: zilenereismaciel@gmail.com .Campus de Moju- Campus XIV.